

Entidade oferece nova opção para prostitutas

Jocasta (nome fictício), 28, queria ser advogada, mas desde os 15 anos faz programas. Ela trabalha num estabelecimento no Dergo, região onde se localizam vários bordéis da cidade. Grávida de sete meses de um caminhoneiro, ainda sonha em encontrar um príncipe encantado capaz de livrá-la "da vida". Afirma que não transa sem camisinha e que sua segunda gravidez foi "um vacilo muito grande." Sua família mora em Porangatu e nem desconfia de seu trabalho. Ela chega a ter 20 clientes por dia, que lhe pagam R\$ 20 por uma hora de prazer.

Com um sorriso nos lábios, Jocasta conta que era adolescente quando fugiu de casa. Depois de ter uma decepção amorosa, passou a fazer programas para sobreviver. "O amor da minha vida casou com outra porque ela ficou grávida e o pai dela falou que se ele não casasse, morria." Atualmente Jocasta namora firme com um camelô da sua idade. "Ele só pede para que eu não coloque chifre nele; não se importa com os programas. Ele diz que irá cuidar do meu filho e que não preciso ir atrás do pai dele (do bebê) para pedir pensão."

Jocasta está matriculada em três cursos oferecidos pelo projeto Flor de Pequi, que usa uma sala no Setor Rodoviário para

oferecer orientação sobre sexo seguro, além de realizar palestras e oficinas semanais sobre temas diversos, como manicure, maquiagem, crochê, artesanato, entre outros. O objetivo é reduzir a incidência de doenças sexualmente transmissíveis e aids entre as profissionais do sexo.

A coordenadora do projeto, Maria Borges de Oliveira, conta que antes da inauguração da sala no Dergo, toda sexta-feira era realizada uma ronda para distribuir cerca de mil camisinhas e passar orientações às mulheres profissionais do sexo. Porém a incompatibilidade de horários com as prostitutas impedia que elas participassem das oficinas e palestras.

Maria afirma que a maioria das mulheres que trabalha no Dergo não pretende largar a prostituição, nem é esse o objetivo do projeto. "Queremos ajudá-las para que elas conheçam os seus direitos." Questionários aplicados entre as profissionais do sexo mostram que boa parte das prostitutas tem mais de 30 anos, o primeiro grau incompleto e usa álcool e drogas. O projeto Flor de Pequi funciona desde janeiro deste ano. Foi idealizado pela Associação Ipê Rosa, com o apoio do Ministério da Saúde e do Conselho Estadual da Mulher (Conem). (Talvane Garcia)

NILO BUENO



Maria Cristina, Ivani Ferreira e Maria Borges orientam prostitutas